

Serra volta a criticar reajustes da Petrobrás

Ele ironizou as justificativas da empresa para sua política de preços

WILSON TOSTA
e KATIA LUANE

RIO – O pré-candidato do PSDB à Presidência da República, senador José Serra (SP), acusou veladamente ontem a Petrobrás de, ao fazer os preços internos dos derivados acompanharem as oscilações internacionais, tentar apresentar os seus interesses “de ganhar dinheiro” como os da coletividade. O parlamentar classificou de “tolice” a afirmação de que a estatal e seus acionistas, entre eles milhões de pessoas que aplicaram em ações da empresa o dinheiro de seus Fundos de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), vão perder recursos, se as cotações internas do setor não seguirem as externas.

“Ah, quer dizer que é um novo

conceito de perda?”, perguntou. “Perder é deixar de ganhar? Tem uma crise internacional, os preços explodem, alguém está tendo prejuízo porque não está ganhando na mesma proporção? Isso evidentemente é tolice.” Ao atribuir essa defesa ao objetivo de ganhar dinheiro, porém, o pré-candidato não mencionou explicitamente o nome da empresa.

Serra disse que a defesa da atual política de preços da Petrobrás baseada na alegação de que é preciso evitar prejuízos é “argumento de quem está ganhando muito dinheiro” com a atual situação. “Na verdade, essa polêmica envolve três questões: um equívoco sobre teoria econômica; uma perspectiva realmente ultra-ultra-ultra neoliberal; e conveniência corporativa ou de quem ganha dinheiro com o assunto. E quem ganha dinheiro com o assunto quer identificar o seu interesse com o do conjunto da coletividade ou da economia. Apenas isso.” O senador lembrou que a maior parte do petró-

leo consumido no Brasil não é importada e disse que a Petrobrás ainda opera em regime de monopólio e que o câmbio não é fixo. “Essa idéia de que os preços domésticos devem ser sempre dolarizados só aplicaria a uma economia como era, por exemplo, a da Argentina, da época do (Domingo) Cavallo (ex-ministro da Economia argentino).”

O pré-candidato falou antes de dar entrevista ao programa *Conexão Roberto D’Ávila*, que vai ao ar hoje, na TVE, às 22h30. No encontro, o senador defendeu a idéia de que o País seja mais agressivo na sua política comercial. Ele disse que quer transformar o Ministério do Desenvolvimento em Ministério do Comércio Exterior, para centralizar toda a política do País para o setor, atualmente espalhada por vários órgãos.

Serra também prometeu, se eleito, continuar a “diplomacia presidencial”, com viagens pelo exterior. “Não teremos as mesmas ilusões quanto à cooperação internacional e a Organização Mundial do Comércio (OMC)”, declarou. “O Brasil acreditou muito nisso.” Ele acusou os países desenvolvidos de pregarem, mas não praticarem, o livre comércio, e alertou para o perigo de o Brasil seguir o caminho da Argentina se sair do seu eixo. “Um país pode ir para trás”, disse.

Durante a entrevista, ele afirmou não existir ódio entre seu partido e o PFL, mas uma “transferência de culpa”, numa referência aos ataques de pefelistas que o julgam culpado pela crise da candidatura de Roseana Sarney.

Apoio de fiéis – O pré-candida-

to reuniu-se à ontem com líderes da Assembléia de Deus, a congregação evangélica que reúne o maior número de fiéis do País. Num encontro que durou uma hora, Serra falou sobre questões gerais e seu plano de governo. Em resposta às indagações dos pastores sobre o que fará, se for eleito, para combater as desigualdades sociais, Serra disse que estará sempre aberto a parcerias, a exemplo da Pastoral da Criança, obra assistencial da Igreja Católica.

O tucano argumentou que ações públicas não são apenas aquelas que envolvem o governo, mas todo serviço gratuito a que a população tem acesso. Sobre o tema violência, o discurso também foi genérico. À saída da reunião, Serra disse que, na sua opinião, “a corrupção de hoje é muito menor do que a do passado”. “A diferença é que aparece com mais transparência”, afirmou. O pré-candidato estava acompanhado do ex-governador do Estado Marcellô Alencar.

TUCANO
REUNIU-SE
COM
EVANGÉLICOS